

FORMAÇÃO DOCENTE E TECNOLOGIAS: A NECESSIDADE DA AQUISIÇÃO DE COMPETÊNCIAS DIDÁTICAS QUE COMPREENDAM A DIFERENÇA DE APRENDIZAGEM DO AUTISTA

Vanessa Artigas¹

Bruno Pedroso Lima Silva (orientador)²

RESUMO

A pesquisa quer atingir o objetivo de apontar que o caminho para uma nova educação com melhores resultados é uma ação conjunta de conhecimentos. Acredito que, além de pesquisas de ferramentas tecnológicas para executar a mediação, precisamos de profissionais na educação e psicologia com capacitação específica para lidar com estudantes com deficiência. Cada um com as suas questões. Com isso, é necessário, dentro do campo acadêmico, a capacitação dos professores com cursos específicos sobre conceitos psicológicos e a parceria entre os profissionais da educação e os que tenham conhecimento da psicologia. Dentro da tecnologia, vemos também muitos facilitadores, por conta do encurtamento das distâncias e da cultura digital, que podem auxiliar a todos envolvidos nesta evolução de aprendizado e interação entre professor e aluno. Sendo assim, esse trabalho é uma pesquisa bibliográfica que tenta relacionar esses temas e que faz também uma incursão qualitativa, trazendo dois depoimentos, o primeiro de um estudante autista e o segundo de uma pedagoga que trabalha nesta área.

Palavras-chave: Autismo. Transtorno do Espectro Autista. Universidade. Educação Inclusiva. Tecnologias digitais.

INTRODUÇÃO

O trabalho trata sobre o corpo docente e como ele poderia, nos dias atuais, atuar de maneira que supra as necessidades de cada aluno, vendo-o como indivíduo

1 Psicóloga. Email: vanessaartigas@hotmail.com.

2 Doutor em Educação. Professor substituto da área de Tecnologias Educacionais no IFSC – Cerfead. Email: brunoplsilva@yahoo.com.br.

único em sua diferença, especialmente as pessoas com o Transtorno do espectro Autista (TEA).

Observo, na minha experiência, que existem alunos neste espectro que têm toda a capacidade de aprender, porém os profissionais, muitas vezes, não estão totalmente preparados para se ajustar à necessidade, por falta de conhecimento didático, conhecimento psicológico ou uma combinação de fatores. Acredito que, para um melhor resultado, são necessárias algumas mudanças e atualizações na formação docente, o que pode envolver as tecnologias digitais, mediante os conceitos da educação a distância.

O referencial teórico será composto por artigos das áreas de psicologia e de pedagogia. O principal foco é buscar melhores resultados na educação atual na questão do tratamento com o diferente.

O meu interesse por este tema começou porque sou uma profissional da área de psicologia e sempre analisei muito as relações desta área com a questão da docência, do ensinar, do socializar. Por isso, gostaria muito de ver uma melhora dentro do ensino. Acredito que exista uma falta de capacitação, principalmente em relação a referenciais teóricos da área de Psicologia, em muitos profissionais na área da educação, e vejo que esses profissionais necessitam dessa atualização para além do domínio do próprio contexto e do ensino da área em que se formaram.

A motivação maior, portanto, é a minha formação; mas também há o fato de ter um irmão com Transtorno do Espectro Autista, que sofre com falta de capacitação institucional do corpo docente e dos demais profissionais da educação para ajudá-lo. Este trabalho conta, inclusive, com um depoimento, elaborado por ele, em que ele identifica as principais dificuldades a partir do olhar de uma pessoa com o espectro autista. Há também o depoimento de uma pedagoga, que tem pesquisa nessa área.

Com os novos diagnósticos de vários níveis de autismo e com estes alunos estando dentro das salas de aula junto com todos os outros, como lidar com a forma de abordar a aprendizagem deles? Sabemos, por comprovação científica, que se o aluno não for tratado como indivíduo único, os professores, "mentores", podem dificultar a aprendizagem deste grupo. Como, então, ver o indivíduo autista e a forma de aprendizagem dele como única?

Desta forma, a pergunta da pesquisa é: Quais são as habilidades didáticas que faltam, em geral, para que os professores possam desenvolver a competência

de compreender as diferenças de aprendizagem do aluno autista? Como as tecnologias podem ajudá-los a desenvolvê-las?

OBJETIVOS

- Defender que há uma insuficiência na formação docente, de conhecimentos sobre como lidar com um novo contexto de ensino.
- Apresentar e analisar conceitos psicológicos que podem ser importantes na capacitação docente, além da nova lei que exige que psicólogos atuem dentro da escola, justamente para auxiliar nesta dificuldade de lidar com a diversidade, que já vem prejudicando muitos alunos.
- Propor novas metodologias didáticas para alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), principalmente com uso das tecnologias educacionais.
- Buscar uma educação melhor e mais solidária.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada de forma teórica e bibliográfica, buscando encontrar bases referenciais para as hipóteses e objetivos definidos e analisar o problema da falta de formação e capacitação do professor para lidar com o indivíduo autista. Também coletei dados a partir do convite para que dois sujeitos escrevessem um texto, no formato de depoimento, sobre o tema da pesquisa: o meu irmão, que tem o Transtorno do Espectro Autista e é estudante do IFSC; e uma pedagoga, profissional da educação, que também atua no IFSC e tem pesquisa na área da relação com estudantes na perspectiva inclusiva, buscando comparar ideias do referencial teórico e hipóteses prévias com o depoimento dos dois participantes.

REFERENCIAL TEÓRICO E DISCUSSÃO

1. Conceitos psicológicos

Primeiramente, para tratar sobre a questão da psicologia e da importância deste profissional dentro da escola para contribuir com os alunos com o Transtorno do Espectro Autista, a minha base teórica serão quatro livros: *Inteligência Emocional*

e *O cérebro e a inteligência emocional*, ambos do Dr. Daniel Goldman, *Mentes ansiosas*, de Ana Beatriz Barbosa Silva e *Decifre e influencie pessoas: Como conhecer a si e aos outros, gerar conexões poderosas e obter resultados extraordinários*, de Deibson Silva e Paulo Vieira. Essas obras trazem conceitos que acredito serem os mais importantes de estarem dentro de uma capacitação docente que trate do tratamento com a diferença, pois expõem a questão da inteligência emocional, e também das diferentes formas de pensar. Compreender essas questões, mesmo que de forma rápida, pode ajudar o professor a entender e saber como lidar com essas diferentes maneiras de processar o conhecimento.

Os autores dizem também sobre o cérebro social, a autoconsciência, o estado cerebral certo, para o desempenho da função do psicólogo dentro da escola, obrigatória com a promulgação da lei 13.935/2019.

Tratam dos fatores básicos do comportamento humano, por que precisamos aprender a lidar com as pessoas, e sobre quanto custa o analfabetismo emocional. “O fato é que todos nós temos algum motivo pelo qual queremos descobrir e entender quais são os mecanismos que motivam os indivíduos a agirem como agem e a fazerem o que fazem” (VIEIRA; SILVA, 2018, p. 256).

O que trago então como hipóteses norteadoras, importante de serem trazidas no início, ainda que brevemente, são:

- Essas habilidades tratadas pelos autores podem ser um importante caminho para estas mudanças no corpo docente.

- O referencial dos autores corrobora com a tese de que cada indivíduo é único e o corpo docente tem que estar preparado para isso.

Na experiência da minha formação, vejo uma resistência de boa parte dos professores em querer se atualizar. Assim como há uma dificuldade na questão de carga horária, atribuições e compromisso para que possam realizar a capacitação docente. Isso faz, a meu ver, com que eles tenham a tendência de ver tudo como doença e, logo, até mesmo achar que os alunos com diferença de aprendizado devem desistir do curso ou ir para instituições especiais.

Ainda sobre a questão pedagógica, os debates que tive dentro da minha própria faculdade de psicologia, inspirado em diversos autores da área, trataram da falta de preparo dos professores com alunos que exigem uma demanda fora do padrão para o qual eles se prepararam.

É importante, portanto, que o professor tenha o auxílio de um profissional da área da psicologia já que não faz parte, muitas vezes, da sua formação entender a demanda de sintomas e comportamentos. Juntos, esses profissionais podem se auxiliar para evolução do aluno de uma forma que ele sinta o menos possível a sua diferença entre os colegas, e possa se sentir ambientado e estimulado a seguir com os seus estudos.

A possibilidade que parece surgir, dito isso, é a de trabalhar com ciência, pesquisa e atualização para poder haver uma evolução. E essa capacitação pode ser feita a partir das tecnologias digitais, uma formação continuada que utilize os recursos disponíveis pela valorização e fortalecimento da educação a distância.

Para isso, trabalharei com artigos de autores que pensam essa tendência pedagógica e tratam da relação dela com as tecnologias.

2. O transtorno do Espectro Autista

Com todas as descobertas da ciência dentro do campo psíquico, que mostra a variância de comportamento dentro do diagnóstico de Autismo, por conta dos vários níveis dentro da condição do indivíduo que carrega este diagnóstico e também da evolução do quadro, os professores, a meu ver, precisam estar capacitados também com esses conhecimentos fundamentais sobre o transtorno, já que interfere muito na evolução do aluno o momento quando ele começou a ter o acompanhamento e em que estágio está.

Desta forma, temos vários artigos e livros que podem nos auxiliar nesta busca incessante de evolução dentro do diagnóstico de Autismo. Mas nem todas as escolas e universidades já têm esta parceria entre o núcleo de professores com psicólogos. A regulamentação desta exigência, pela lei 13.935/2019, que torna obrigatória a presença do profissional psicólogo em toda escola, irá facilitar o entendimento do corpo docente para entender o aluno e auxiliá-lo da melhor forma para o seu aprendizado.

Essa parceria entre psicologia e pedagogia só poderá se conceber a partir dos conhecimentos gerais sobre o transtorno. Por isso, escolhi como caminho trazer a contribuição do Manual Diagnóstico Estatístico dos Transtornos Mentais, feito pela Associação Americana de Psiquiatria e utilizado por vários órgãos oficiais no Brasil.

Temos então como definição oficial a seguinte:

O transtorno do espectro autista caracteriza-se por déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, incluindo déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos (MANUAL, 2018, p. 31).

O Manual também traz como principais déficits da pessoa com o transtorno os seguintes (2018, p. 31):

- Déficit na reciprocidade socioemocional: dificuldade para dialogar, compartilhamento reduzido de interesses, emoções ou afeto, e dificuldade para iniciar ou responder a interações sociais;
- Déficit nos comportamentos comunicativos não verbais: pouco contato visual e linguagem corporal, ausência de expressões faciais e comunicação não verbal;
- Déficit para desenvolver, manter e compreender relacionamentos: dificuldade em compartilhar brincadeiras imaginativas, fazer amigos e ausência de interesse por pares;
- Movimentos motores: fala estereotipada e repetitiva;
- Insistência nas mesmas coisas: adesão inflexível a rotinas ou padrões ritualizados de comportamento verbal ou não verbal;
- Interesses fixos e altamente restritos que são anormais em intensidade ou foco;
- Hiperhiporreatividade a estímulos sensoriais ou interesse incomum por aspectos sensoriais do ambiente: indiferença aparente a dor/temperatura, 6 reação contrária a sons ou texturas específicas, cheirar ou tocar objetos de forma excessiva, fascinação visual por luzes ou movimento.

E traz também (2018, p. 31) as principais características de um indivíduo com o Transtorno (TEA):

- Ausência de medo ao perigo real;
- Comportamento inapropriado em diferentes situações para a idade;
- Coordenação motora irregular;
- Dificuldade de se relacionar com outras pessoas;
- Dificuldade de expressar suas necessidades;
- Resistência à mudança na rotina;
- Risos e gritos inapropriados;
- Fixação por objetos de uma apropriada;
- Hiperatividade ou inatividade extrema;

- Insensibilidade aparente à dor;
- Inexistência de respostas aos métodos normais de ensino;
- Preferência pela solidão;
- Repetição constante de movimentos e palavra.

Fica muito claro, portanto, que são características que não impedem o aluno autista de ser incluído nos processos do ensino básico ou superior; mas ao mesmo tempo, mostram características que precisam ser conhecidas pelo corpo docente, assim como estes precisam estar capacitados para lidar, para que a inclusão se dê efetivamente.

O psicólogo tem dentro da sua profissão uma amplitude de atuação, e uma delas é dentro da instituição escolar, onde vemos a emergência de novas interpretações teórico-epistemológicas, que nos fazem sensibilizar com a demanda na educação brasileira.

Essa visão evidencia a necessidade do psicólogo escolar, completando o corpo docente. A inclusão escolar é um movimento coletivo, de todos, e a criação de redes de apoio que contem com uma equipe multidisciplinar será fundamental neste processo.

Hoje precisamos das duas, psicologia e educação, juntas, porém, com a tardia percepção, acabamos precisando de uma forma emergencial. Mas sempre vendo que precisamos de um trabalho em equipe, que a soma dos conhecimentos traz resultados ainda maiores.

Como podemos analisar, o diretor, coordenador, equipe pedagógica, e todo o corpo docente que forma uma instituição escolar são necessários, mas cada um tem o seu domínio, e não pode mais ser considerado que o psicólogo não faz parte desse campo escolar, pois ele pode ser o profissional que forma o conjunto desses conhecimentos e é capaz de oferecer novas formações a partir dos conceitos que ele mais domina e que são importantes para o processo educativo.

Não só neste caso que tratamos nesta pesquisa, é bom ressaltar. Mas sim em inúmeros outros déficits dos alunos em que o professor não tem a capacitação necessária ou o conjunto de conhecimentos necessários.

Não se pode ver, como durante muito tempo foi visto, essa função do psicólogo como uma perda de autoridade dos gestores de ensino, e sim como conhecimentos que se completam.

3. Formação de professores para o ensino superior

A pesquisa da relação entre a psicologia e a educação nos mostra a necessidade deste trabalho em conjunto entre psicólogos e docentes para obtermos resultados não só em êxitos nas conclusões de curso, mas também no fato de sermos profissionais capacitados um campo de atuação caracterizado pela utilização da Psicologia no contexto escolar, com o objetivo de contribuir para otimizar o processo educativo, entendido este como complexo processo de transmissão cultural e de espaço de desenvolvimento da subjetividade (MARTINEZ, 2003), e sensibilizados com a necessidade desta mudança de forma emergencial.

A contribuição do psicólogo escolar é a construção e consolidação da importância do seu conhecimento na possibilidade de contribuição no contexto de capacitação dos professores nesses conceitos da diferença.

O que desejo enfatizar quando defendo o compromisso dos psicólogos com as mudanças que a educação brasileira demanda como sendo seu compromisso essencial é sua participação consciente, ativa e comprometida na promoção e efetivação de transformações nos lugares onde exerce sua ação científico-profissional e no marco de abrangência desta. Também inclui sua participação consciente, ativa e criativa nas formas em que se organizam ou poder-se-iam organizar para potenciar sua ação quanto ao trabalho que promove uma significativa melhoria da qualidade do trabalho docente e educativo em uma escola concreta. São ações que constituem expressões do compromisso com as mudanças almeçadas.

Hoje, os psicólogos escolares e educacionais trabalham em múltiplos espaços educativos, nos quais realizam diversas e importantes tarefas: casas abrigos, programas de educação comunitária, penitenciárias, meios de difusão massiva, universidades corporativas, entre outros. No entanto, sua contribuição às mudanças requeridas na educação brasileira se dá, essencialmente, no seu trabalho comprometido no sistema educativo, o qual constitui o eixo central da estruturação da educação como prática social no país e um dos principais *lôcus* onde os sérios problemas da educação brasileira são gerados (MARTÍNEZ, 2003, p. 107).

Ainda segundo a autora Martínez, o trabalho dos psicólogos nesse sentido é importante pois mostra a própria caracterização da Psicologia Escolar, que segundo ela é:

Um campo de atuação do psicólogo (e eventualmente de produção científica) caracterizado pela utilização da Psicologia no contexto escolar, com o objetivo de contribuir para otimizar o processo educativo, entendido este como complexo processo de transmissão cultural e de espaço de desenvolvimento da subjetividade (MARTÍNEZ, 2003, p. 107).

Essa parceria entre a obrigatoriedade do psicólogo nas escolas de educação básica, pela lei 13.395/2019, e o trabalho dos professores pode se dar então na

questão da capacitação docente. É isso que defendo na pesquisa, que essa capacitação é um campo de atuação do psicólogo, contribuindo para a formação de professores que entendam essa diferença, essa sentido único de cada aluno, especialmente os autistas.

No contexto da escola, essa capacitação poderia ser presencial. Mas como a lei fala na obrigatoriedade apenas para a educação básica, pensei também nas instituições de ensino superior e como isso poderia ser feito. Por isso a ideia de que psicólogos escolares, que já têm o contato com essas questões, poderiam ajudar na capacitação de docentes do ensino superior através das tecnologias, em formações a distância.

Temos hoje um número grande de ingressos dentro das instituições de cursos superiores de autistas, com isso exigindo uma atenção obrigatória para a educação inclusiva. O professor tem um papel determinante nesta condução, fazendo-o ter uma reflexão mais abrangente do que a tinha normalmente, e buscando novos recursos para melhor desenvolver o seu trabalho para que o aluno consiga acompanhar o ensino proposto. Existe um mito da homogeneidade estudantil, a de que todos são iguais e tem ali um objetivo também igual. Essa ideia do aluno padrão precisa ser desconstruída, para estimular o surgimento natural de novas ideias e metodologias. As abordagens do ensino tradicional dão incompatíveis com a ideia da educação inclusiva.

Isso ajudaria a evitar este atraso visível que leva muito alunos nessa condição, mesmo com suas capacidades, que são muitas, os autistas que nos referimos neste trabalho, com um potencial incrível, necessitando de uma visão de trabalho voltada para eles, específica para cada caso. Isso, por muitas vezes, não é atendido e faz com eles desistam dos seus sonhos acadêmicos, o que até mesmo agrava sua condição de forma emocional, fazendo-os se sentir excluídos do mundo e dos demais e não querendo seguir em frente. Vemos, portanto, que a eliminação de certas barreiras podem fazer parte, inclusive, de um movimento que busque a concretização do direito de todos ao ensino superior.

A educação os estimula, faz com que possam colocar toda a sua inteligência, que não conseguem organizar em prática. Isso faz com que o professor tenha que ponderar sobre o quanto a sua figura representa e estimula o aluno, assim assumindo um comprometimento, e dando esperança ao aluno a cumprir os seus estudos.

A educação inclusiva é uma tendência pedagógica atuante hoje no Brasil. Acredito então que essa ideia de capacitação docente pelos psicólogos pode se caracterizar também como uma contribuição à educação inclusiva:

A concepção de educação inclusiva busca contemplar a atenção para as diferentes necessidades decorrentes de condições individuais, econômicas ou socioculturais dos alunos (...) O Brasil optou por um sistema educacional inclusivo admitindo na Conferência Mundial da UNESCO em 1990 a Declaração Mundial de Educação para Todos. Ao se tornar subscritor da Declaração de Salamanca em 1994 reafirmou esse compromisso (FERRARI, 2007, p. 641).

A propósito, o autismo é uma condição permanente, irá fazer parte desta pessoa por todas as fases da sua vida. É um dever social proporcionar uma qualidade de vida melhor com tratamentos psicológicos, apoio familiar e não permitindo de maneira alguma a sua exclusão na sociedade.

Observo e leio muito que ainda há essa exclusão nas universidades e institutos de ensino superior. Como diz Rocha *et. al* (2018), muitas universidades gostam de se dizer inclusivas, mas apenas para o aluno realizar a matrícula, não pensando no aluno autista na continuidade do curso, na interação dele com a sala e também com o professor, em que muitas vezes acontecem confrontos.

Isso leva estes alunos a se sentirem excluídos e não seguirem adiante. Desta forma, o termo “inclusão” não está sendo usado de forma real e efetiva (ROCHA *et. al.*, 2018).

As necessidades envolvidas incluem dificuldades organizacionais, distração, problemas em sequenciar e falta de habilidade em generalizar. Um ponto a se considerar é que, devido a heterogeneidade das pessoas com o transtorno, a identificação das necessidades particulares do estudante deve ser atendida por equipe multidisciplinar bem como a família do estudante (ROCHA *et. al.*, 2018, p. 144).

A educação inclusiva pede que o professor trabalhe recursos de várias formas e pede que ele repense a forma de propor atividades e que use métodos diferentes dos normais, buscando reconhecer essa diferença e reconhecer esse aluno autista como único.

Por isso se faz necessário que o profissional da educação se coloque como parte indispensável, para este processo de inclusão efetiva do autista no ambiente acadêmico. Os conhecimentos para fazer isso podem vir a partir das capacitações.

Em conformidade com o documento do MEC intitulado ‘Proposta de Diretrizes para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica’:

[...] a formação inicial como preparação profissional tem papel crucial para possibilitar que os professores se apropriem de determinados conhecimentos e possam experimentar, em seu próprio processo de aprendizagem, o desenvolvimento de competências necessárias para atuar nesse novo cenário. A formação de um profissional de educação tem que estimulá-lo a aprender o tempo todo, a pesquisar, a investir na própria formação [...] (BRASIL, 2000, p.13).

As pesquisas citadas só reforçam a necessidade que existe dentro da educação, que é necessário com urgência que sejam disponibilizados cursos para que os professores se capacitem. Elas nos apontam a necessidade de especialização para que possa ser executado um trabalho com o conjunto de profissionais que seja de fato inclusivo.

Ainda não existe no Brasil um curso de formação específica para professores de autistas. A preparação desses professores tem sido feita através de alguns cursos de especialização em Educação Especial e/ou estágios supervisionados nas instituições que oferecem esse atendimento. É fundamental que esses professores tenham conhecimento de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem e que sejam orientados para uma atuação adequada nos graves distúrbios de comportamento que apresentam esses jovens. Faz-se necessária a criação pelas universidades de cursos de pós-graduação, para garantir uma formação de profissionais alicerçada coerentemente entre a experiência prática e a busca de dados científicos metodologicamente. (BREOHFF, 1993,p. 23, apud ROCHA et. al., 2018, p. 146)

Vemos então como é importante que os professores tenham esse conhecimento dos conceitos psicológicos, para que estejam preparados para efetivar atividades inclusivas nas suas práticas.

4. O uso de tecnologias digitais para essa formação de professores

Como dito antes, a ideia principal nesse trabalho era pensar essa formação para professores do ensino superior. Como sabemos, a lei 13.395, já citada, diz que a obrigatoriedade da presença do psicólogo é apenas para a educação básica. Por isso, creio que poderia se pensar em formações a distância, talvez oferecidas por essas psicólogos escolares, que têm conhecimentos de contextos educacionais e podem contribuir nesse sentido.

Com os dados trazidos, poderemos montar essa proposta e defender que a tecnologia pode ser o suporte para isso, com capacitação a distância. O sucesso do aluno com necessidades educacionais não se sustenta com o seu êxito de ter entrado no ensino superior, mas nos recursos oferecidos para o seu entendimento,

dentro das instituições e as ferramentas usadas como facilitadoras para o seu ensino.

A tecnologia pode ser o suporte para essa importante questão da capacitação, especialmente para ter um ensino preparado para receber alunos com autismo.

A importância da capacitação de professores e da compreensão de como a tecnologia pode ser o suporte para termos um ensino preparado para receber os alunos com Autismo parece, portanto, fundamental. Esse é um pensamento que inclusive poderia buscar compreender o conjunto das tecnologias digitais com o campo da saúde, em especial a Psicologia.

(...) o uso de ambientes digitais de aprendizagem acompanhado de estratégias de mediação adequadas e adaptadas aos sujeitos mostraram-se relevantes no desenvolvimento e da interação social de sujeitos com autismo por que permitiram modelar níveis de complexidade controláveis de forma a ajustar seu uso à ZDP de cada sujeito (CINTRA, JESUÍNO, PROENÇA, 2011, p. 5).

Como podemos ver em todas as pesquisas que o campo da ciência vem fazendo sobre o transtorno do Espectro Autista, o uso de tecnologias, computadores, auxiliam muito na interação do aluno, já que a grande maioria tem uma intimidade grande com o aparelho, e assim o desperta um interesse ainda maior pelos estudos.

É um meio dos professores criarem atividades avaliativas que despertem ainda mais o interesse deles. Com o mesmo conteúdo abordado para os outros alunos, porém de forma focada, visando ver a dificuldade de interação que a condição do Autista traz por não querer tanto contato direto com colegas e professores. Assim se cria um vínculo onde ele tira as suas dúvidas, interage com o professor fazendo um caminho para o convívio presencial.

Além disso, é uma maneira dele organizar seus pensamentos, já que é uma das dificuldades que o Autismo apresenta. Eles têm uma inteligência incrível, mas precisam de ajuda, para fazer os caminhos de aprendizado de forma didática feita especificamente pra eles. Várias pesquisas mostram também que mesmo com essa dificuldade de demonstrar afeto, a relação afetiva professor-aluno é fundamental na formação da pessoa adulta com autismo.

No entanto, ainda é restrito o número de pesquisas que têm se proposto a compreender as experiências universitárias de estudantes com Transtorno do Espectro Autista. Por isso o conjunto de profissionais irá somar nos resultados destes alunos e ajudar na continuidade das pesquisas neste campo (ROCHA et. al., 2018, p. 141).

Muitas coisas podem ser feitas pelo caminho da EaD, desde que os professores sejam capacitados com o entendimento das dificuldades a partir dos conhecimentos psicológicos, e busquem tecnologias que possam usar, como jogos, vídeos interativos, exercícios e até mesmo provas. Todos elaborados a partir de uma nova forma de ver este novo campo que ainda tem muito a ser descoberto, para sua evolução também dentro do campo da educação. Também é importante ressaltar a importância do acesso que a educação a distância pode trazer para essas formações. O que vale para o aluno também vale para o professor que busca a capacitação, ou seja, professores que vivem no interior, longe de centros universitários, podem ter o acesso que essa barreira geográfica em alguns momentos impede.

As pesquisas mostram o quanto a tecnologia é um grande aliado para os professores, não só para ministrar o conteúdo como para interação entre eles. Voltamos a ver como é importante a sensibilização do professor e o aluno sentir que está sendo acolhido, que as suas necessidades podem ser atendidas com ajustes e adaptações para o seu aprendizado. Infelizmente, Olivati e Leite nos dizem que essa ainda não é a realidade:

Os suportes oferecidos pelas instituições foram deficitários, tanto na identificação das necessidades educacionais especiais quanto na proposição de estratégias facilitadoras que contribuíssem com o sucesso desses estudantes na universidade. Esses resultados demonstram a dificuldade dos profissionais do Ensino Superior em quebrar com uma prática homogênea, ou seja, proverem condições singularizadas. Além disso, as garantias de ajustes curriculares devem ser previstas e aplicadas quando necessárias, desde o ingresso ao término dos cursos, mesmo ciente que o ingresso na universidade pública, no Brasil, é fundamentalmente meritocrático. Em outras palavras, a inclusão educacional no Ensino Superior no país ainda caminha a passos lentos, e não é incomum a comunidade universitária se espantar com a presença de estudantes com deficiência nas salas de aula. Garantir que o estudante com TEA tenha condições igualitárias na sua vivência acadêmica, como qualquer outro estudante, ainda se configura um desafio, pois o que se percebe é que recai ao sujeito a culpa pela sua condição de diferença (negativa), sendo a estranheza perpetuada. Nesse entendimento, muitos sujeitos com TEA, como os participantes deste estudo, optam por manter velado o diagnóstico, mesmo em um contexto que se proclama como plural, a universidade pública (OLIVATI; LEITE, 2019, p. 741-742).

Tendo em vista então as pesquisas usadas como referência, fica claro que só existe um caminho: a especialização dos docentes e disponibilidade de recursos para esta inclusão com resultados efetivos e benéficos.

Precisamos mudar este quadro, falando sobre o assunto, levando ele à frente dos governantes, temos que não só usar os termos próprios como colocá-los em prática. Estamos em constante evolução diária, nunca teremos conhecimento suficiente, pois sempre teremos novas demandas.

5. Depoimentos

Para finalizar esse trabalho, decidi convidar duas pessoas a fazerem depoimentos, em formato de texto, sobre o tema aqui tratado: o meu irmão, autista e aluno do IFSC, e também a pedagoga Ana Paula Boff, profissional técnico-administrativa do IFSC no Campus Florianópolis e pesquisadora dessa área da educação inclusiva. O objetivo é ouvir do próprio aluno autista e também da pedagoga fatos, situações e ideias que se identificam com o que trouxemos aqui neste trabalho

Segue o texto-depoimento narrado pelo próprio aluno Daniel Cardoso Artigas, que está cursando Design de Produtos há 6 anos e ainda não conseguiu se formar, tendo tido problemas com a falta de compreensão de sua dificuldade pelos professores.

Estou cursando o curso de Design de Produtos no IFSC desde 2014, mas tive que trancar minha matrícula por 4 semestres pois os professores não conseguiam fazer as adaptações necessárias à minha condição de autista e com as minhas limitações individuais em relação aos demais. Pois cada um tem sua limitação. Eu acabei não conseguindo acompanhar as aulas e os conteúdos de cada módulo. A minha deficiência cognitiva dificulta interpretação de textos e teorias e os demais conteúdos.

Tenho dificuldades para interagir com os professores e colegas.

Por isso eu preciso que no conteúdo das matérias sejam feitas adaptações e às vezes readaptações.

Os professores não têm a preparação para entenderem minhas dificuldades de me expressar, porque falo baixo, dificultando minha vontade de continuar, pois já sei como vão agir.

No entendimento deles e do coordenador, eu tenho que me adequar ao curso e às condições.

O barulho do ambiente em sala de aula e os colegas falando alto tiram a minha concentração.

Necessito fazer meus trabalhos individuais e usar o laboratório de informática sozinho, e com o auxílio do professor.

A maior dificuldade é que os professores não se esforçam para entender o quanto é difícil e desesperador. É necessária uma abordagem diferenciada e a compreensão de interagir com o aluno especial (Depoimento de Daniel Cardoso Artigas – Estudante do Curso de Design de Produtos - Instituto Federal de Santa Catarina – Campus Florianópolis).

Como podemos ver na entrevista do aluno, mesmo muitas instituições que tem seus psicólogos para auxiliarem os professores não fazem com que eles necessariamente obtenham o necessário conhecimento. Este aluno vive nesta luta há anos, mesmo tendo capacidade para se formar, necessita de auxílio especial. Ele tem uma dedicação contínua e estimulante.

Todas as pesquisas apresentadas no decorrer do trabalho defendem não só a capacitação dos profissionais, que defendo que pode ser feita através da tecnologia, mas também o uso das tecnologias para facilitar a concentração do aluno, e também ser o meio de comunicação dele na maior parte do tempo com os seus professores, por eles terem uma dificuldade de interagir com os demais colegas.

Vejo isso como uma preocupação emergencial, já que ter só a formação acadêmica, mesmo na área da psicologia como na educação, não é o suficiente, pois ela é ampla e dá um conhecimento superficial, exigindo que o profissional se dedique e tenha uma qualificação específica e não genérica como vemos.

Precisamos de formação com o foco para o autismo, porque mesmo dentro dele há uma amplitude de características diferentes entre os indivíduos. Essa formação pode partir dos conceitos psicológicos tratados no início deste trabalho e partir para o autismo em si.

Precisamos também investir na educação no nosso País, como o Canadá, por exemplo, que já tem psicólogos que estão fazendo mestrado, doutorado e PhD especificamente na área.

Por tudo que leio, pesquiso e estudo, vejo que precisamos ter um trabalho muito mais focado para dar oportunidade a estes alunos de se formarem com qualidade.

Vamos agora ver a visão da profissional da educação Ana Paula Boff, que inclusive fazia parte da equipe pedagógica que acompanha o meu irmão, sobre essa questão da inclusão, da relação professor-aluno e da necessidade de formação e capacitação docente. Segue sua narrativa na íntegra:

Os princípios da educação inclusiva apontam para a necessidade da eliminação de barreiras atitudinais, pedagógicas, comunicacionais, arquitetônicas, entre outras, em todos os contextos de aprendizagem. Nesse sentido, a tecnologia digital pode auxiliar estudantes com e sem deficiência a terem acesso aos conteúdos e aos conhecimentos científicos equiparando as oportunidades de aprendizagem. Entendo que a mediação docente é o ponto central para o processo de aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes, desse modo, os recursos tecnológicos podem auxiliar, bem como ampliar e diversificar as experiências de aprendizagem, mas prescindem de ações intencionais e planejadas por parte dos professores. Quanto mais diversificados forem os recursos utilizados pelo docente, envolvendo estratégias multissensoriais (visuais, auditivas, cinestésicas) mais os estudantes estarão envolvidos e poderão aprender. Em relação às possibilidades de acessibilidade nos meios de tecnologia digital existem recursos que visam a eliminação de barreiras como: leitores de tela gratuitos para pessoas com deficiência visual, cegueira e baixa visão, que possibilitam o acesso aos materiais escritos em computadores e/ou celulares; audiodescrição para materiais gráficos/figuras e vídeos; textos e legendas em caracteres ampliados e com contraste; textos e legendas em escrita simples que visam auxiliar pessoas com deficiência intelectual, por exemplo. Ainda o uso de vídeos, podcasts, jogos pedagógicos, entre outros podem ser utilizados como facilitadores no processo educativo considerando as características e as necessidades dos envolvidos.

Por fim, compreendo que por meio da aplicação da perspectiva do desenho universal da aprendizagem, os professores podem elaborar recursos/estratégias metodológicas que contemplem as especificidades de cada estudante (Depoimento da Profa. Ana Paula Boff).

Como podemos analisar, a entrevista da professora Ana Paula, que está presente no dia a dia deste aluno, só reforça a afirmação de como as tecnologias podem auxiliar ambos nesta jornada acadêmica.

Existe da parte dela esta consciência, mas também se vê como são necessários os cursos disponíveis para qualificar estes profissionais, tanto na questão psicológica quanto para conhecer ferramentas para ajudar na formação dos alunos.

É necessário então que a educação se preocupe, dando maior ênfase nesta forma de educar, auxiliar, para os casos de alunos com dificuldade, deixando claro que eles têm condições de se formar. Só necessitam de adaptações, que antes eram vistas como uma deficiência.

Alguns educadores com esta visão só reforçam o fato de não quererem ver as novas demandas, nem ter conhecimentos de estudos de pesquisadores das reais necessidades de cada aluno.

Mas felizmente temos profissionais como a professora Ana Paula, que sabe os caminhos. É uma pena que não depende somente dela e sim de uma ação conjunta.

Existem muitos profissionais que querem estimular seus alunos, mas necessitam deste auxílio com cursos que os possam capacitar.

Digo com toda a certeza, por todas as pesquisas que temos, por ver a luta do Daniel nestes 6 anos, por ser da área da psicologia, por saber que ser “psicólogo” nos dá uma noção superficial de tudo, mas como todo o bom profissional temos que nos especializar para dominar um assunto. Isso irá exigir para quem faz esta escolha estar sempre estudando e evoluindo e os psicólogos podem ajudar nesse caminho.

Tendo hoje a educação a distância, podemos unir a tecnologia com esta modalidade para ajudar e auxiliar o aluno a compreender a proposta do curso, colocar suas dúvidas, e ter uma relação interativa com o seu professor. Assim como para o professor ter contato com essas tecnologias, se capacitar sobre inclusão e sobre conceitos psicológicos, além de aprender metodologias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que temos as Tecnologias a nosso favor, as pesquisas avançaram muito no entendimento do que é o Autismo dentro dos seus níveis, e acho que podemos, psicólogos e professores, ajudar muito estes alunos a se desenvolverem dentro da vida acadêmica.

Precisamos de cursos de qualificação para os profissionais e metodologias tecnológicas que serão um grande aliado, já que os autistas tendem a preferir um contato mais restrito e necessitam de um estímulo constante para querer dar continuidade às atividades, devido a sua dificuldade de organização. Ao mesmo tempo, poderá haver uma interação maior entre professor aluno, respeitando as normas de educação e as necessidades do aluno.

Juntos somos mais, e a educação pode e deve andar lado a lado com a saúde e a psicologia. Já que ambas trabalham com psiquê.

Temos, como profissionais, que respeitar o que durante muito tempo foi visto pela sociedade como algo estranho ou anormal, construindo um caminho das diferenças de forma construtiva.

Dentro de todas as pesquisas feitas para elaborar o trabalho, analisando uma forma que possa auxiliar os docentes para a capacitação dos alunos sem se sentirem excluídos e de fato haver uma inclusão, chegamos à conclusão da importância da união dos profissionais da educação com os da saúde e da psicologia em prol de obter um entendimento mais claro dos sentimentos e reações dos autistas. Com isso, é necessário, dentro do campo acadêmico, a capacitação dos professores com cursos específicos sobre conceitos psicológicos e a parceria entre os profissionais da educação e os que tenham conhecimento da psicologia.

Assim, poderão se focar com atenção à diferença entre as necessidades de cada indivíduo, pois até mesmo dentro do quadro de autismo as características variam. Concluímos que isso pode ser feito a partir de cursos de capacitação. Há muita literatura da área de psicologia que fala do comportamento humano e deixa claro que não pode se existir uma metodologia única, pois cada indivíduo é único. Dentro da tecnologia vemos também muitos facilitadores (encurtamento de distância, digitalização, globalização, facilidade de comunicação e informação, etc), que podem auxiliar a todos envolvidos nesta evolução de aprendizado e interação entre professor e aluno.

Partimos da ideia de que, com capacitação, aliada a cursos, metodologias, uso da tecnologia aliada com profissionais, poderemos obter de fato a inclusão efetiva destes alunos.

A minha pesquisa quer atingir o objetivo de apontar que o caminho para uma nova educação com melhores resultados é uma ação conjunta de conhecimentos. Acredito que, além de pesquisas de ferramentas tecnológicas para executar a mediação, precisamos de profissionais na educação e psicologia com capacitação específica para lidar com alunos especiais. Cada um com as suas questões. Na minha experiência, observei muito que, se cada indivíduo fosse tratado como único dentro das escolas, poderíamos não ter tantos problemas de aprendizado.

E assim poderíamos não ver mais alunos abrindo mão dos seus sonhos por não existir capacitação para entendê-los. Existe um caminho, precisamos de incentivo governamental e de vontade de todos os envolvidos para colocarmos em prática.

REFERÊNCIAS

MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS. Porto Alegre: Artmed, v. 5, 2018. Disponível em: . Acesso em: 11 set. 2019.

MARTÍNEZ, A. O compromisso social da Psicologia: desafios para a formação dos psicólogos. Em A. M. M. Bock (Org.), *Psicologia e Compromisso social* (pp.143-160). São Paulo: Cortez. 2003.

FERRARI, Marian L. Educação Inclusiva no Ensino Superior: Um Novo Desafio. *Psicologia Ciência E Profissão*, 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v27n4/v27n4a06.pdf>. Acesso em 07/03/2018.

CINTRA, Rosana Gonçalves Gomes; JESUINO, Mirtes dos Santos; PROENÇA, Michele Alves Muller. As possibilidades da EaD no processo de inclusão no ensino superior da pessoa com autismo: um estudo de caso. [s.l.] : Anhanguera Educacional Ltda., 2011. v. 14.

OLIVATI, A. G. e LEITE, L. P. Experiências Acadêmicas de estudantes universitários com transtornos do espectro autista: uma análise interpretativa dos relatos. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 25, 729-746, 2019.

ROCHA, B. R.; SOUZA, V. L. M. R.; SANTOS, A. P. R.; TEODORO, D. C.; FABIANO, M. A. Universitários Autistas: Considerações Sobre A Inclusão De Pessoas Com T.E.A Nas IES E Sobre a Figura Do Docente Nesse Processo. *Revista Educação em Foco*, Edição 09, 2018.

VIEIRA, P.; SILVA, Deibson. Decifre e influencie pessoas. Como Conhecer A Si E Aos Outros, Gerar Conexões Poderosas E Obter Resultados Extraordinários. São Paulo: Gente, 2018.